



GOETHEANUM

FREIE HOCHSCHULE FÜR GEISTESWISSENSCHAFT/MEDIZINISCHE SEKTION
INTERNATIONALE KOORDINATION ANTHROPOSOPHISCHE MEDIZIN

PSYCHOTHERAPIE

IFAPA
INTERNATIONAL FEDERATION OF
ANTHROPOSOPHIC PSYCHOTHERAPY
ASSOCIATIONS



Carta de apoio n.4 IFAPA Psicoterapia Antroposófica e Coronavírus: “Sangue é Sol” (C. Morgenstern)

de Giovanna Bettini, Psicoterapeuta
Dedicada ao amigo Dr. Giancarlo Buccheri GP

... esse tipo de "coroa de espinhos" que é colocada sobre nossas cabeças durante este período quaresmal, cultivando plena confiança na força de nossos ideais e no espírito da ressurreição que celebramos a cada Páscoa, e da qual irradiam as verdadeiras forças curativas e esperança. (Trento, 24 de março de 2020, Dr. Stefano Gasperi)

Caros amigos e colegas,

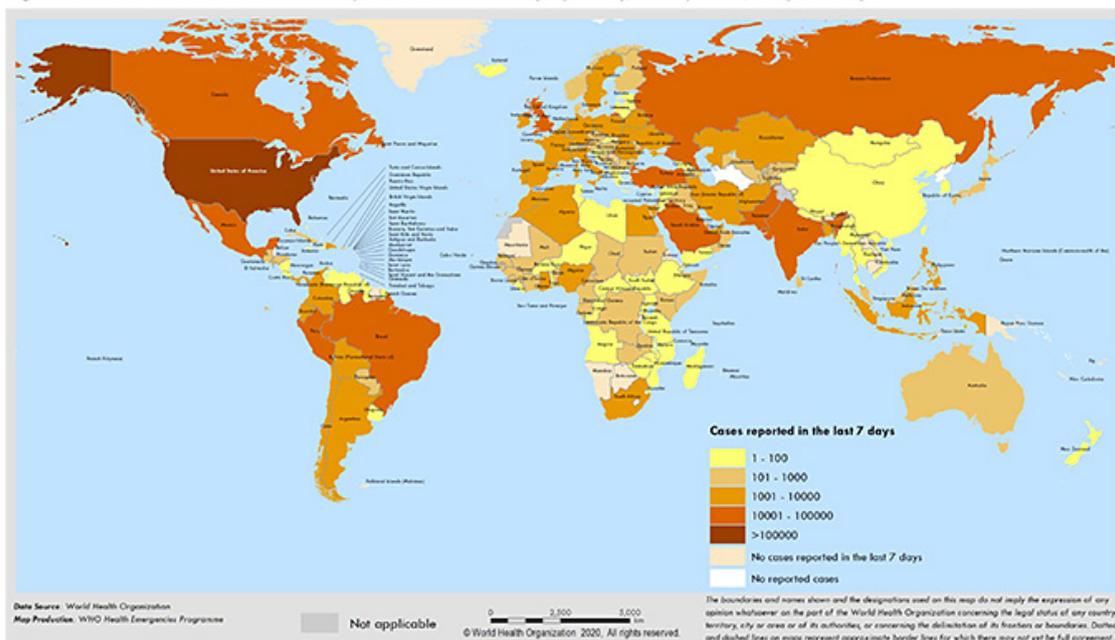
Esse trabalho começou durante o período da Santa Páscoa, enquanto meu amigo, o médico e antropósofo Giancarlo Buccheri, travou a batalha com o Coronavírus, entre a vida e a morte, e depois abandonou os restos mortais em 7 de abril.

Agradeço a ele pelo incentivo recebido durante esses anos de colaboração na Escola Superior Livre de Ciência Espiritual: em particular, o incentivo para a realização de aulas livres da classe.

Essas reflexões serão enviadas a todos os colegas da IFAPA em 7 de junho; portanto, existe um período de cerca de dois meses em que muitos eventos terão ocorrido. Os tempos mudam muito rapidamente.

Covid-19 - Situação no mundo

Figure 1. Number of confirmed COVID-19 cases reported in the last seven days by country, territory or area, 4 May to 10 May**



**See Annex 1 for data, table and figure notes.

O vírus atingiu o alvo: pandemia e crise

Segundo o filósofo italiano Giorgio Agamben, a pandemia nos reduziu, também devido a medidas legislativas, ao nível da “vida nua”, a vida nua do vírus. Gradualmente, em diferentes partes do mundo, tivemos que deixar de lado nossas ferramentas de trabalho e abandonar aqueles que adoeceram e morreram à própria sorte, tivemos que abandonar os abraços e o calor humano. Não há ritos funerários, de fevereiro passado até alguns dias atrás, pelo menos na Itália. Contudo, essas condições de “pura vida” não são as do ser humano e, portanto, podem induzir em nós a força de despertar as almas para uma mudança importante. De fato, parece que algo do futuro entrou em cena para desequilibrar comportamentos antigos, desatualizados, de um indivíduo perante outro e em relação com o ambiente.

Podemos, inicialmente, interpretar a dramaticidade desse período como aquela que acompanha cada período de transição. A singularidade do momento atual diz respeito ao fato de que o mundo inteiro está envolvido, em menor ou maior grau, e num estado flutuante, como uma onda generalizada de sofrimento e escuta. O vírus acertou o alvo. Fomos atingidos. Quem está doente e quem cruzou o limiar. Quem está apenas em uma crise de desorientação, quem caiu em um turbilhão de angústia, pânico ou luto.

Se pensarmos no caminho da história humana e olharmos para a situação atual (a chamada época do antropoceno), o ser humano se encontra cada vez mais rapidamente diante de suas próprias responsabilidades, diante de um espelho que lhe reflete as consequências de seus gestos. Mesmo sem ter certezas absolutas, todos nós percebemos agora que muitos transtornos da natureza estão intimamente relacionados a nosso comportamento e, como numa inversão, nos é dada a oportunidade de compreender a conexão que existe entre o ser humano e o cosmos.

Por enquanto, como seres humanos, podemos dizer que temos vivido na Terra, usando-a como se esta tivesse recursos infinitos, com uma atitude instintiva e ingênua mas, também, principalmente, destrutiva.

Qual é o papel do ser humano dentro do sistema abrangente da Terra e de todo o cosmos?

A busca pelo eu mostra-se como um drama e, se o indivíduo não percorrer esse caminho, flutuará à deriva como um barco sem timão, levando com ele, inexoravelmente também, toda a vida restante. O indivíduo e a sociedade, a sociedade e o indivíduo, estão se tocando agora, neste momento da pandemia. A polaridade indivíduo-sociedade se expressa como um drama, por um lado, no que diz respeito à solidão e isolamento individual; por outro, é uma experiência acessível para todos, sem distinção.

“Que o homem conheça-se a si mesmo!”

Agora, é uma exortação categórica,

“... agora ou nunca!”

que pareça vir dos bons deuses do centro, e não das forças destrutivas.

A Psicoterapia na época do coronavírus

Foi aberto na Itália, a partir de 27 de abril, um serviço de assistência psicológica.

“Desde 27 de abril de 2020, o Ministério da Saúde e Proteção Civil italiano estabeleceu um número [de telefone] gratuito (800 833 833) para apoio psicológico ao covid-19, ativo 24 horas por dia. Os procedimentos de acesso também são fornecidos para surdos. Profissionais especializados – psicólogos, psicoterapeutas e psicanalistas – responderão aos pedidos de ajuda. Existem dois níveis de intervenção. O primeiro é, em uma única entrevista, ouvir, dar garantias e sugestões para

aliviar o estado de ansiedade. O segundo envolve entrevistas de apoio, repetidas até quatro vezes, por telefone ou online.” (Da revista “Internacional”)

Níveis de estresse na Itália

Relato algumas informações publicadas num estudo acadêmico publicado pela “International Journal of Environmental Research and Public Health.

Article:

A Nationwide Survey of Psychological Distress among Italian People during the COVID-19 Pandemic: Immediate Psychological Responses and Associated Factors

Cristina Mazza 1,* , Eleonora Ricci 2, Silvia Biondi 2, Marco Colasanti 2, Stefano Ferracuti 2 , Christian Napoli 3 and Paolo Roma 2

Abstract: The uncontrolled spread of the coronavirus disease 2019 (COVID-19) has called for unprecedented measures, to the extent that the Italian government has imposed a quarantine on the entire country. Quarantine has a huge impact and can cause considerable psychological strain. The present study aims to establish the prevalence of psychiatric symptoms and identify risk and protective factors for psychological distress in the general population. An online survey was administered from 18–22 March 2020 to 2766 participants. Multivariate ordinal logistic regression models were constructed to examine the associations between sociodemographic variables; personality traits; depression, anxiety, and stress. Female gender, negative affect, and detachment were associated with higher levels of depression, anxiety, and stress. Having an acquaintance infected was associated with increased levels of both depression and stress, whereas a history of stressful situations and medical problems was associated with higher levels of depression and anxiety. Finally, those with a family member infected and young person who had to work outside their domicile presented higher levels of anxiety and stress, respectively. This epidemiological picture is an important benchmark for identifying persons at greater risk of suffering from psychological distress and the results are useful for tailoring psychological interventions targeting the post-traumatic nature of the distress.

Conclusions:

Overall, female gender, negative affect, and detachment were associated with higher levels of psychological distress. Having an acquaintance infected with COVID-19 increased both depression and stress, whereas a history of stressful situations and medical problems raised depression and anxiety levels. Finally, having a family member infected with COVID-19 and being young in age and needing to leave one’s domicile to go to work were found to increase anxiety and stress levels, respectively.

As the first step, this epidemiological picture could facilitate the identification of persons at greater risk of suffering from psychological distress, which can have psychopathological consequences and impair functioning. However, only 30% (maximum) of the variability in depression, anxiety, and stress was explained by sociodemographic and personality factors. This means that the majority of the increase in distress levels noted in this research was likely related to the maladaptive and traumatic course of the pandemic—the effects of which can only be assessed empirically at the end of the emergency. Thus, while these results provide an important benchmark for identifying subjects at risk, they may also be useful for tailoring psychological interventions targeting the post-traumatic nature of the distress.”

Para o artigo completo:

<https://www.mdpi.com/1660-4601/17/9/3165/pdf>

Necessidade de renovação da vida dos hábitos

A quarentena continuada por mais de dois meses, com suas restrições e o isolamento social promoveram a erradicação do mundo dos hábitos e, sempre que possível, um impulso crucial em direção à autoeducação e a busca por si próprio. O que ainda não conseguíamos fazer em estados de consciência comum, fomos forçados a fazê-lo, devido a uma súbita desorientação, agora tornou-se uma necessidade. Nos encontramos procurando um novo equilíbrio entre polaridades.

Se, antes, o reino dos hábitos nos apoiava como um terreno seguro, agora, como em um terremoto, o ponto de virada veio ao nosso encontro, colocando uma dura prova para a vida anímica. De fato, os hábitos atuam sem o apoio da consciência, nos apoiam e nos condicionam, dando-nos uma identidade superficial. De repente, quando subitamente faltam os pontos de apoio, nos encontramos diante de uma encruzilhada existencial: ou caímos no vazio, ou navegamos com o leme voltado ao nosso próprio centro.

Hoje, em nosso trabalho, vemos a amplificação dos fenômenos a que todos estamos sujeitos com respeito à pressão das dificuldades que ocorreram.

Durante esse período, pude continuar as conversas de psicoterapia por telefone com suporte de vídeo com a maioria das pessoas. Graças a isso, pude perceber alguns fenômenos emergentes que considero necessário compartilhar, esperando também receber eventuais 'feedback's futuros de colegas interessados. Até agora, não tratei pacientes afetados pelo Covid-19.

Vida da alma



As condições anímicas gerais dos pacientes, nesses três meses, foram todas ligeiramente agravadas, caindo em direção à sua tendência para a polaridade preferencial.

A situação de agravamento é semelhante a um estado inflamatório superficial. Uma inflamação que, no entanto, envolve uma esclerose (Lúcifer e Arimã à esquerda na escultura de R: Steiner) como em um estado de asfixia; ou melhor, aparece como um calor repentino, como um choque que irá colocar-se sobre um comportamento fixado.

O estado de emergência dado pela pandemia, de fato, confundiu todas as experiências, também as problemáticas, dolorosas. O calor do choque prolongado, portanto, afetou também aqueles comportamentos obrigatórios dos quais o paciente era incapaz de se libertar. Nesse sentido, há uma exacerbação mas, também, a tentativa de despertar forças de cura.

Sem rede de apoio

Muitas pessoas são forçadas a enfrentar diretamente seus medos e, sabendo que não possuem mais uma rede de apoio que possa salvá-los, são subitamente chamadas a sustentar-se durante um prolongado isolamento ou diante de reviravoltas. A ideia de poder recorrer ao sistema de saúde para uma verificação, um apoio, mesmo que seja apenas uma sala de pronto socorro para auxílio num ataque de pânico (por exemplo), não é viável. Melhor não ir ao hospital, exceto em um estado de completa inconsciência.

Covid-19 e o órgão pulmonar **A opressão do pulmão**

Da conferência de Rudolf Steiner de 2 de julho de 1921 realizada em Dornach (GA 205), utilizo o conceito de “opressão de órgãos” devido a acidentes, trauma ou doença. Órgãos são recipientes; em sua superfície externa, eles têm a função de refletir como espelhos ou lembrar; em sua estrutura interna, são como gavetas que preservam as experiências feitas na Terra. No caso do pulmão, um trauma ou uma doença podem provocar o derramamento precoce dos pensamentos vivos que desempenhariam um papel no pós-morte, que reorganizariam as forças para uma nova encarnação. A pergunta que se coloca é a seguinte: O que acontecerá com as experiências que foram perdidas ao longo do caminho e como faremos sem essas forças vivas quando precisarmos delas? Os pulmões “contêm” a alma em sua relação com a percepção do mundo, os processos do pensamento, o pensamento e a busca de um julgamento correto.

Dentro da gaveta dos pulmões estão armazenadas as experiências das percepções do mundo dos sentidos, acumuladas durante a existência na Terra. Esses pensamentos vivos derramados são ingovernáveis e, devido ao vazamento prematuro, causam pensamentos fixos, obsessões.

No caso do Covid-19, nos deparamos com uma patologia que ataca a funcionalidade pulmonar e, ao redor, inspiramos a vivência de obsessão com limpeza, desinfecção, distância física, uso de sistemas de proteção, luvas, máscaras. É um pesadelo para quem já experimenta a síndrome pulmonar obsessivo-compulsiva.

Mais detalhes sobre o âmbito psicoterapêutico:

1- Em primeiro lugar, estamos testemunhando a desorientação causada pela perda de velhos hábitos de vida. Destaca-se a necessidade de reconstruir uma nova imagem da existência, um arranjo novo e mais dinâmico que inclui a possibilidade de um maior risco de perda: dinheiro, trabalho, parentes, amigos e a morte.

Caso clínico 1: mulher casada, 40 anos, que trabalha em uma loja como funcionária com contrato permanente regular. Em psicoterapia há cerca de dois anos. Pessoa com TEPT, muito determinada a superar suas fraquezas de resposta emocional. Enfrentou brilhantemente os testes que o Covid-19 lhe impôs, em especial, graças à retrospectiva noturna e o terceiro dos exercícios complementares. O paciente relata: *“Esta pandemia mudou tudo. Eu experimentei dois estados de animo principais: ansiedade pelo contágio e a tensão no trabalho. Para a ansiedade, me ajudou muito a conversar com uma pessoa tranquila; o fato de contar minhas ansiedades a alguém que sabia ouvi-las e que respondia com serenidade sempre me acalmava... aprendi a refletir e escolher compromissos, até que percebi o que é mais importante para mim. Isso, a partir das pequenas coisas que não são tão pequenas. Quanto ao trabalho, achei seriamente que iria perdê-lo e tive muitos mal-entendidos com o chefe e o colega. A coisa mais importante que entendi é que a urgência que sempre sinto de esclarecer imediatamente as situações não é saudável. Depois que isso emergiu na terapia, comecei a me desapegar da ansiedade de saber e resolver imediatamente. Isso foi significativo para mim e para os outros. Quando voltei ao trabalho, falei claramente, de forma decisiva, mas sem raiva, tanto com o chefe, como com o colega e esperei, deixando sedimentar o que havíamos falado. Então, depois, quando voltamos a conversar, tudo estava mais claro e a tensão havia se dissolvido. Parece simples de entender, mas demorei um pouco para assimilar o conceito. A beleza é que posso aplicá-lo a outros contextos e será uma ferramenta válida que me permitirá melhorar minha vida.”*

2 – Em relação às dificuldades de relacionamento (já presentes nas pessoas antes da epidemia), se percebe a ampliação das problemáticas em função do excesso de proximidade dentro das casas ou à distância prolongada dos amigos. Confrontos entre cônjuges, entre irmãos, agravamento de todas as condições. Uso indiscriminado da mídia, também entre crianças pequenas. Nas famílias

que vivem em casas pequenas e sem varandas, o problema da relação com o Sol, a luz ou o ar, e o movimento também é muito sentido.

Caso clínico 2: paciente depressiva de 65 anos que mora com a família em um pequeno apartamento; ela trabalha num hospital e já está em casa há um ano para ajudar a mãe que mora com a família e sofre de câncer. Além delas duas, a estrutura familiar é composta da seguinte forma: marido aposentado com mania de limpeza, filha de 32 anos com transtorno obsessivo-compulsivo e filho de 26 anos, estudante universitário, no final de seu curso, em um estado exaustão da quarentena, ampliada pelo ambiente sócio-familiar asfixiado. A filha mantém toda a família sob controle, tendo recebido dos decretos legislativos referentes às restrições, confirmação da correção de suas necessidades de limpeza e desinfecção. Além disso, somente ela é capaz de manter a avó viva, desinfectando perfeitamente, todos os dias, uma ferida formada pelo tumor que está posicionado sob um olho. A filha e a avó da paciente dormem no mesmo quarto. O regime de controle da limpeza e saída da casa dos membros da família é total. O irmão tem crises de raiva e confrontos, inclusive físicos, com a irmã. Ameaça suicidar-se. Os pais estão submetidos. O médico antroposófico prescreve *Cinis Tabaci* para que a família fortaleça o pulmão e o sistema imunológico.

3 - O estado prolongado de alarme e a resiliência: estamos testemunhando a utilização de nossas forças em um processo de adaptação, na manutenção de uma espécie de resistência à dificuldade que ocorre, portanto, em um esforço defensivo que consome energia, subtraindo-a de outras atividades (quanto tempo pode durar um estado de emergência?)

Caso clínico 3: homem de 43 anos, separado e desempregado, com uma filha de 12 anos. O paciente é viciado em drogas (cocaína e álcool), com restrições logísticas-domésticas decorrentes de uma tentativa de assalto realizada cerca de um ano atrás. Ele sofreu um acidente de moto que o manteve no leito por três meses, de junho a agosto de 2019. Eu o atendi durante esse período, de maio de 2019 e agora estou em contato com ele por via postal.

O tratamento era seguido de maneira flutuante devido à dependência de drogas. Após o exame médico, a terapia antroposófica multidisciplinar iniciou com os medicamentos antroposóficos (Nux Vomica Nicotiana comp., Cichorium Plumbo Cultum D2). Ele já havia iniciado desde agosto de 2019 um tratamento com medicamentos administrados por um psiquiatra antroposófico, iniciou um ciclo de arteterapia liderado por mim: arte da fala, recitação de contos de fadas, diário criativo e iria iniciar a euritmia terapêutica. A equipe de terapeutas, composta pelo médico, psiquiatra, massagista, psicoterapeuta e arteterapeuta, e euritmista, também se encontrava regularmente com ele uma vez por semana, já há um mês, no *Therapeuticum Santa Claus*, em Bolonha, onde eu mesma trabalho. O paciente aguardava o julgamento para poder ter uma condição mais confortável de vida junto a uma parente que o teria hospedado. O julgamento estava marcado para 20 de março e foi subitamente adiado para maio devido ao Coronavírus. O paciente, que havia iniciado alguns pequenos trabalhos de limpeza para despertar a vontade, perdeu o emprego e sofreu um colapso da confiança, sendo incapaz de trabalhar ou sair de casa e, devido ao adiamento do processo, perdeu o ânimo. Em 24 de março, ele fez outra tentativa de assalto e agora está na prisão.

4 - É cada vez mais difícil se opor às ansiedades relacionadas ao isolamento, à solidão, à súbita desvalorização de si e ao colapso de muitos valores, assim como o risco de desaparecer sem deixar vestígios, desde um hospital, até uma vala comum ou incinerador, sem nem ao menos um ritual fúnebre. Pode surgir a dúvida de se ter algum valor, inclusive para os outros.

Caso clínico 4: Um homem de 67 anos, sozinho, que acompanho há anos, com formação superior, que tinha um emprego fixo em uma biblioteca municipal por vinte anos, em atendimento psiquiátrico desde os 16 anos de idade. Foi aposentado cedo devido a uma hospitalização psiquiátrica causada pelo fato de ter parado de tomar drogas psiquiátricas (há cerca de 15 anos) e confinado pela família a uma casa de repouso distante da cidade em que vivia. A partir de então, a psicoterapia continuou por meio de duas ligações telefônicas regulares por semana. Sua irmã, que se opôs a ele toda a vida, também vendeu sua casa, de acordo com o administrador de suporte. Há alguns anos, seus

poucos amigos universitários, muito motivados (e com fortes conexões com o mundo institucional) conseguiram organizar uma transferência, que deveria acontecer em abril de 2020, para um lar na cidade onde ele havia trabalhado por muito tempo e onde poderia voltar a viver com mais estímulos e também encontrar uma atividade de trabalho. Quando aconteceu o primeiro decreto legislativo no início da pandemia, tudo parou. Isso desencadeou um quadro hostil em relação ao meio ambiente no senhor idoso, que não se resignou a uma vida como um vegetal e reapareceram períodos de ansiedade e depressão em seu comportamento.

5 - O medo de ser socialmente manipulado ao nível das informações nos expõe a um grande esforço e à tentativa, aqui também, de manter a confiança, sem cair num torpor de excesso de ingenuidade. A necessidade de manter-se atualizado com as notícias e de poder formular o próprio ponto de vista sobre situações maiores que nós é saudável, mas nos faz sentir pequenos e pouco capazes de discernir.

Nestes últimos três meses, a psicoterapia através de sessões via áudio e vídeo remotos obteve, em geral, resultados bons, efetivos e profundos. Os encontros por telefone, embora tenham se ressentido do vazio da presença física no encontro, mostraram outras qualidades inesperadas, tal como a capacidade de dar aos interlocutores uma concentração maior, favorecendo o fator auditivo sobre o visual. O sentimento que relato como psicoterapeuta é que as intervenções realizadas, nessa condição de emergência, e com o uso de um instrumento como o telefone, trouxeram, em geral, um bom resultado.

O exercício da essencialidade: os pensamentos de Micael

Hoje, é o eu humano quem tem a tarefa de falar com as estrelas, oferecendo os próprios pensamentos, as próprias reflexões íntimas em relação a esses acontecimentos. O eu, como uma estrela, fala com os pensamentos carregados do calor de Micael. Não se vê Micael com os olhos exteriores, numa época em que o dragão, servindo-se da alma humana, se manifesta por toda parte, com ataques extraordinários e extravagantes. Só se pode ser encontrado Micael quando despertamos suas forças através de pensamentos fortalecidos e aquecidos pela vontade. Vejamos um destes pensamentos:

“Sangue é Sol”, diz Christian Morgenstern.

A pandemia é uma manifestação da sombra e, embora se mova em um nível inconsciente, pode levar ao despertar. Então, o medo pode se tornar coragem. A partir de um vínculo de medo que une as pessoas de forma sombria, pode nascer uma cadeia de fraternidade. Antes eram os espíritos que assustavam os homens, agora, como Steiner nos diz, são bactérias ou vírus que criam pânico. Não mais o espiritual invisível, mas o material infinitamente pequeno. O medo do contágio nos une. No invisível, estamos ligados, embora devamos permanecer isolados. Nesta era de transição para uma forma de relacionamento não-egoísta,



corremos o risco de criar um ser egoísta dentro de nós.

Giovanni Segantini: *"Ave Maria em transbordo"*

De repente, nos encontramos conectados pelo que nos mantém separados. E, no entanto, isso não é suficiente. É necessária a consciência. Precisamos ter consciência do vínculo entre as pessoas, entre as pessoas e o mundo, entre nós e os reinos da natureza, entre nós e o mundo espiritual. O medo é superado com a coragem do conhecimento.

Uma cadeia de irmandade entre as pessoas começa na Itália

Na Itália, em alguns hospitais da região da Lombardia (Mântua e Pádua), a região italiana mais atingida pelo vírus e, agora, também em Bolzano, em Trentino Alto Adige, estão tratando pacientes afetados pelo Covid-19 através da transferência de plasma (plasmaferese) de indivíduos curados da mesma doença.

Eles curam a doença em 48 horas a baixo custo, mas ainda não se fala sobre isso o suficiente. Nada de novo, na verdade, porque é uma técnica segura, também adotada no passado, mas que agora precisa ser rapidamente difundida, com as competências especializadas, a partir dos centros hospitalares que já a estão utilizando com sucesso e sem risco.

Os medicamentos já existem, dizem os médicos desses hospitais, e eles são:

- plasmaferese
- anti-inflamatórios
- anticoagulantes
- Azitromicina

Na prática, funciona assim. *"O doador deve estar saudável, curado de Covid-19 e ter os anticorpos neutralizantes"*, diz o diretor de Imuno-Hematologia e Medicina de Transfusão Massimo Franchini. *"São retirados 600 ml de plasma, dos quais são obtidas 2 doses de 300 ml cada. O protocolo envolve 3 administrações. Após a primeira administração, é feito o monitoramento clínico laboratorial e, no caso de ausência de resposta, é feita a segunda administração, e assim por diante, com 48 horas de intervalo entre uma e outra. A compatibilidade com o plasma é feita baseada no grupo sanguíneo."* Franchini explica que o plasma tem um nível significativo de segurança viral e é um produto absolutamente seguro e rigoroso e entra em detalhes: *"Se a vacina, que não possuímos, faria você produzir anticorpos, esta, que é uma imunoterapia passiva, transfere os anticorpos dos indivíduos curados para os doentes. O paciente não produz nada e não cria nada. Mas funciona para salvá-lo."* Hospitais de Pádua e Mântua não tem casos de óbito há um mês. Curam com seroterapia, a transfusão do plasma dos pacientes curados. Sintomas eliminados em 2 a 48 horas (por Antonio Amorosi - affaritaliani.it) -

O diretor do Serviço de Imuno-Hematologia e Medicina de Transfusão da Policlínica de San Matteo em Pádua, Cesare Perotti, desenvolveu o protocolo e o estudo sobre o sangue e se chama "plasma hiperimune."

Do jornal: La Stampa, 11 de maio de 2020, Chiara Baldi:

"A Região da Lombardia oferece o banco de plasma hiperimune. Ao fazer o anúncio, o assessor Giulio Gallera explicou que "com as indicações da Policlínica San Matteo de Pádua, será definido um protocolo para a doação de sangue e plasma em toda a região." O centro de Pádua e o hospital de Mântua foram os primeiros a experimentar a terapia com plasma hiperimune em 46 pacientes curados de coronavírus. E das *"muitas pessoas curadas que temos em toda a região"* - esclareceu Gallera – *"será criado o banco de plasma hiperimune: cada Asst ligará para aqueles que se recuperaram da Covid19 e os convidará a doar plasma."* Cerca de 500 mil pessoas serão testadas. Inicialmente, será verificado *"o nível de imunidade e força dos anticorpos em seu plasma e uma vez*

identificada a capacidade, eles serão solicitados a fazer a doação” ... O estudo piloto realizado em Padua e Mântua começou em 17 de março e terminou em 8 de maio: 46 ex-pacientes do Covid participaram do experimento. “Retiramos 600 ml de sangue de cada paciente porque vimos que eram necessários 300 ml para infundi-lo em um paciente que ainda estava doente. Assim, toda pessoa curada pode, por sua vez, ajudar duas pessoas ainda afetadas pelo vírus”, explicou Cesare Perotti, diretor do Serviço de Imuno-Hematologia e Medicina de Transfusão de San Matteo de Padua. “O resultado do estudo mostrou que a taxa de mortalidade de pacientes tratados com plasma hiperimune caiu de 15 para 6%.”

Somos todos irmãos e irmãs

Agora, vamos nos voltar um momento para o profundo significado que um evento desta magnitude pode ter: o sangue (agora chamarei o sangue de plasma para simplificar) de uma pessoa que passou pela doença e a superou é capaz de falar com o sangue de outro indivíduo, levando cura para ele. Isso também não é um diálogo?

Os seres humanos também se falam através de suas experiências de sangue?

Muitas vezes, se fala de sangue com medo, com pudor, com horror. O sangue lembra temas como consanguinidade, hereditariedade, transfusões, transplantes, grupos sanguíneos, sangue menstrual ou o chamado “banho de sangue”, que durante a guerra mistura sangues diferentes, mas o joga fora, abandonado no campo de batalha. O sangue é frequentemente entendido como um elo de necessidade.

E, no entanto, isso não é suficiente. O próprio sangue é o veículo do eu e pode unir todos os homens, todos os seres vivos, além do parentesco. Somos todos irmãos e irmãs.

O sangue foi o canal da introdução profunda e verdadeira das forças de Cristo no coração da Terra.



Michelangelo Buonarroti: "Pietà Bandini"

Foi introduzido na Terra um sangue preñado de uma nova consciência individual, capaz de acolher o próximo com amor, não com medo.

Graças ao sangue que foi derramado na época, hoje podemos direcionar nossa atenção para essa área sem mais temer. Hoje, o sangue está ligado à consciência do eu e, graças a isso, pode abrir novas fraternidades. Não são mais apenas parentes, ou banhos de sangue.

Talvez estejamos nos dirigindo para uma cadeia de irmandade? A partir do infinitamente pequeno?

Mesmo que seja apenas um pequeno começo, é possível começar a pensar um caminho de luz nos meandros escuros da epidemia? Você pode começar a perceber que o sangue doente de uma pessoa pode iluminar-se graças ao mistério da cura, transmitido pelo encontro com o outro?

É possível que comecemos a ver o que vive além do egoísmo, que o sangue possa mostrar, através de suas luzes e suas sombras, a luz e o calor do Sol? Que, ao curar outro indivíduo através de seu próprio sangue, são criados cruzamentos cármicos dos quais, por enquanto, apenas o sangue

saberá, mas que certamente, algum dia, o eu humano se lembrará? Será que, graças a esta epidemia, terá início uma cadeia de fraternidade entre os homens cada vez mais consciente?

Parece tão simples quanto um sorriso ou um aperto de mão. Salvar a vida de outra pessoa doando seu próprio plasma, graças à experiência de passar pela doença. É interessante trazer à consciência esse fragmento de possibilidade. Se fosse esse o caso, também o médico assumiria um papel novo, mais saudável, mais equilibrado e honesto.

“O sangue é Sol,” como diz Morgenstern. Nosso próprio sentimento mais espontâneo e elementar o percebe. Sentimos que é verdade.

O espaço interplanetário está constantemente cheio de substância solar, é um corpo gigantesco de luz e calor que contém em si o sistema planetário.

O Sol é a estrela em que vivemos. Dentro do nosso “sentir” vivem os deuses envoltos em luz. Ao abandonar o egoísmo, podemos ver nas amplidões de sangue e coração os bons deuses do centro e nos permitirmos ser permeados pelas forças solares.

Quando dizemos “Sol” ...

Refiro-me nas palavras do amigo antroposófico de Bolonha, Giovanni Simoncini:

“Quando dizemos “Sol,” não nos referimos à imagem da bola solar lá fora no cosmos, mas um lugar com o qual compartilhamos eventos e destinos e pelos quais somos responsáveis, cientes de que uma ferida na periferia afeta todo o corpo, até o coração do próprio sistema.

Assim como a circulação sanguínea está conectada a todas as partes do corpo e é onipresente, assim também é a presença do Sol radiante e luminosa em todas as partes do cosmos planetário.

O Sol e o coração revelam seus mistérios um para o outro.

A manutenção da vida só pode ocorrer dentro de uma pulsação rítmica do Sol, que é o coração do cosmos, e do coração, que é o Sol do ser humano.

Precisamos redescobrir o mistério do Sol, com sua luz que flutua e penetra no espaço, o inunda de vida e faz o universo pulsar, instilando amor em todas as criaturas e através das ondas do sentimento humano.

Graças à consciência de nosso vínculo de cura com outro indivíduo e da conexão íntima com o cosmos e com todas as criaturas que o habitam, podemos, portanto, encontrar nosso lugar nele e dar a contribuição mais elevada que nos compete.

“... porque onde há dois ou três reunidos em meu nome, eu estou entre eles.”

(Mateus 18, 20)

Vencer o medo através de ações amorosas

Portanto, é necessário superar as imagens da doença, tratar os doentes e esquecer que eles também podem estar infectados. Esses são os pensamentos de Rudolf Steiner que datam de 1914. O medo do vírus hoje, pode ser superado por um gesto de fraternidade ao doar o próprio sangue que traz a experiência de cura ao sangue do outro.

O mundo estelar desceu cada vez mais ao ser humano e desapareceu nas profundezas abissais da alma, de onde anseia por se gerar novamente; e está em nosso destino reencontrá-lo, reconectando-nos conscientemente ao cosmos.

O sangue é um suco muito peculiar

Numa conferência de 25 de outubro de 1906 em Berlim, Rudolf Steiner afirma que há um verdadeiro duplo do homem no sangue, do qual o homem tira força e para o qual o homem descarrega o que já não usa. Isso é chamado de vida humana fluente. Graças à embriogênese, é evidente que o sangue apareceu tarde, não apenas na formação do embrião, mas também na evolução do mundo.

As misteriosas leis do universo espiritual que governam o sangue devem ser vistas em relação aos membros constitutivos do ser humano. Consideramos o eu como o quarto membro constitutivo do ser humano e, ao mesmo tempo, o guardião dos germes espirituais superiores.

Na vida interior do ser humano se encontram os outros passos da evolução. Estes passos nasceram do sangue. Eles são Manas, Budhi e Atma. Temos quatro níveis inferiores e três superiores.

Os elementos superiores, Steiner nos diz nesta conferência, criam para si uma fisionomia, nos inferiores tornam-se visíveis através dos sentidos.

O corpo físico é o complexo de forças que o construíram.

O corpo etérico transforma a substância inorgânica em líquidos vitais.

O corpo astral transforma a substância viva em senciente.

O animal dotado com esses três corpos sente apenas a si mesmo, vivendo fechado dentro de si.

No animal se encontra a substância inanimada, a substância viva e a substância permeada por nervos capazes de sentir. Cada cristal se forma graças a toda a natureza que o cerca, de modo que não se pode isolar uma única parte do cosmos e considerá-lo por si só. No cristal, é possível compreender a vida do cosmos, tal como a imagem do universo nos movimentos dos líquidos.

Quanto menor a consciência, maior a extensão:

“Todo o cosmos brilha na consciência de sono, na interioridade do ser vivo.”
(Rudolf Steiner Berlin, 25 de outubro de 1906 - GA 55)

Neste momento, Rudolf Steiner nos propõe considerar, por um momento, o ser humano sem pensar em seu sangue, como se o ele fosse formado pela substância que vem do mundo físico. No sistema nervoso do grande sistema nervoso simpático o homem vive o mundo das sensações, ali a consciência não penetra. No grande simpático se reflete todo o universo de maneira obtusa. Seus nervos têm uma vida interior obscura. Se pudessemos descer, com a percepção, até esses nervos, o ser humano se abriria para o universo todo cheio de luz. Era o que ocorria com a clarividência antiga em épocas em que era comum colocar o sistema nervoso superior para dormir.

No entanto, hoje acontece algo diferente com o ser humano: graças ao sistema nervoso superior *“a partir do corpo astral articulado de forma superior, retiramos o material para criar imagens do mundo externo, representações.”* (Rudolf Steiner, GA 55). O ser humano sente sua vida interior e nela reflete uma pequena parte do mundo externo de maneira clara e precisa. Assim, o corpo astral é transformado quando o grande simpático se liga às partes superiores do sistema nervoso através da coluna dorsal e do cérebro.

Outra transformação segue esta. O sangue é a expressão do corpo etérico individualizado, assim como o cérebro e a medula espinhal são a expressão do corpo astral individualizado. É graças a essa individualização do sangue que nasce o que é expresso no eu. Se a transformação toca também o corpo etérico, o sangue é formado. A circulação sanguínea e o coração são a manifestação do corpo etérico transformado, assim como o sistema cefalorraquidiano destaca a transformação do corpo astral.

“O sangue acolhe as imagens do mundo externo interiorizadas pelo cérebro, transforma-as em forças formadoras vivas e, através delas, constrói o corpo humano de hoje”. (Rudolf Steiner, GA 25)

O sangue absorve o oxigênio que o renova e assim, o sangue se abre para o mundo exterior. O sangue se forma quando o ser humano age criando figuras de forma independente, depois de ter acolhido as imagens do mundo. O eu começa desta forma a expressar-se com a vontade própria. Só agora um ser pode dizer eu para si mesmo.

Resumindo:

- 1 - o espelhamento do mundo externo se dá através o sistema nervoso simpático;
- 2 - com a medula espinhal e o cérebro, sente-se o espelhamento como vida interior;
- 3 - com o sangue, experimentamos a vida interior como algo próprio.

Graças ao sangue e oxigênio do mundo externo, o próprio corpo ganha forma a partir das imagens da vida interior. Isso é percebido pelo eu. O eu olha tanto para dentro, como para fora de si. O sangue é a expressão externa do eu. O lado do sangue que se se volta para o interior edifica, e as forças do sangue direcionadas para fora voltadas ao oxigênio. Por um lado, o mundo interior das imagens, por outro, as formas do mundo externo. No caso da consciência obscurecida, o indivíduo sente seus ancestrais em si, enquanto, na consciência de vigília, sente as imagens do mundo externo. Por outro lado, se o indivíduo experimenta apenas através da vida dos sentidos, ele também se lembrará apenas do que experimentou na infância. Nos passado, a pessoa experimentava as experiências de seus antepassados que viviam em seu sangue. O indivíduo tinha suas próprias percepções sensoriais e experiências de seus antepassados. Cada indivíduo se percebia como um elo de toda a cadeia de gerações. Então, acontece uma mudança na história dos povos: o sangue estranho se mistura com o sangue estranho e temos o nascimento do pensamento lógico, do intelecto. A mistura de sangue apaga a clarividência antiga, elevando a humanidade a um nível evolutivo mais alto.

Dessa maneira, o ser humano passou a ter uma vida própria, aprendendo a orientar-se em suas tendências morais por meio de suas próprias experiências. Assim, no sangue não misturado, se manifestava a vida dos antepassados, enquanto no sangue misto se manifestam as próprias experiências.

“O ser humano é feito de tal forma que, misturando um sangue, com a condições de que a mistura não esteja muito longe na evolução, nasce o intelecto. Então, a força clarividente, derivada originalmente do elemento animal é anulada e nasce uma nova consciência na evolução.”

(Rudolf Steiner, GA 55).

“No mundo animal, o sangue estranho mata o sangue estranho. No mundo humano, o sangue estranho mata o que está relacionado à afinidade do sangue: a clarividência antiga.”

(Rudolf Steiner, GA 55).



“A criação”
Michelangelo Buonarroti

Portanto, o sangue é a expressão do eu. Se olharmos para o assunto da terapia com plasmaférese, talvez tenhamos agora mais ferramentas para vê-la com novos olhos, ampliados no sentido científico-espiritual. Espero que outros terapeutas elaborem esse tema no campo antroposófico.

Terapias antroposóficas para o fortalecimento do ser humano

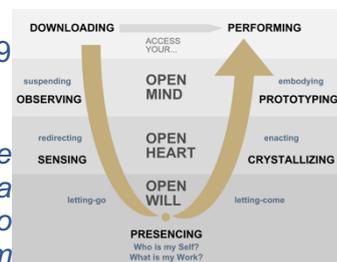
Matthias Girke e Georg Soldner escrevem em março de 2020 (de um texto traduzido por Stefano Gasperi):

“Hoje, às mudanças climáticas e à doença resultante da Terra, se acrescenta uma doença aguda global do ser humano, que se coloca ao lado das grandes doenças crônicas de nosso tempo e que pode nos tornar mais despertos para uma nova orientação ecológica, inclusive no campo da medicina. A longo prazo, não é possível travar guerras contra as doenças e patógenos, por mais que isso seja válido, devemos, com a mesma força, trabalhar para o fortalecimento estável do ser humano e para o equilíbrio ecológico entre o ser humano e a natureza, à luz de uma origem cósmica comum.”

Já vemos como, com essas palavras dos diretores da Seção de Medicina do Goetheanum, o eu do ser humano, como membro constitutivo que enfrenta o futuro, não pode mais permanecer distante aos vínculos entre o homem e o meio ambiente.

Sobre as questões em relação a epidemia de SARS-CoV-2 (Georg Soldner, 9 de abril de 2020):

“A pergunta final a ser feita é que significado podemos extrair da crise de saúde global. Pouco antes do início da pandemia, Claus Otto Scharmer publicou a edição alemã do que ele escreveu no início em sua “Teoria U”: é necessário aprender com o passado, mas não o suficiente. Mudanças disruptivas exigem uma nova abordagem. “Ela exige que deixemos de lado nossos julgamentos, redirecionemos nossa atenção, deixemos o passado para trás, nos inclinemos para o futuro que deseja emergir através de nós e deixar que ele aconteça.” O que quer emergir?



O que quer emergir deve ser descoberto pelo eu humano na elaboração das vivências de grande desorientação planetária atuais.

O padrão da *Teoria U* de Scharmer é bem próximo da abordagem antroposófica no caminho de acolher-internalizar-ativar, trazendo o novo individualmente desenvolvido para o mundo com ações desinteressadas.

Temos as indicações diretamente a partir do salto repentino que a pandemia nos apresentou como um futuro que vem em nossa direção e nos impõe pontos de inflexão. Agora, cabe ao eu do ser humano e ao ritmo eu-mundo encontrar novas respostas.

O eu e a epidemia

O médico antroposófico italiano dr. Remigio Cenzato nos ajuda a entender melhor o tema tratado por Rudolf Steiner na conferência de Berlim em 1906.

Cenzato afirma (em seu artigo ainda inédito sobre o tema Coronavírus) que o denominador comum de eventos críticos nas biografias humanas é uma vivência anímica que se torna muito grande e que “domina” a força do eu, neutralizando-o. Ou seja, a experiência do mundo psíquico se torna excessiva em comparação com as forças que o eu tem para elaborá-la, digeri-la. Por exemplo: amigdalite e gripe; em seus trinta anos de prática clínica como médico, o Dr. Cenzato sempre observou que a amigdalite está associada ao que podemos chamar de “crise biográfica.”

Assim, no caso de uma epidemia ou pandemia, a “crise biográfica” não diz respeito apenas a um ou poucos indivíduos, mas a faixas mais amplas da comunidade.

“Para que a infecção afete tão amplamente a população, é necessário que, de maneira generalizada, muitas pessoas tenham desviado o olhar de seus próprios horizontes existenciais, seus objetivos preenchidos de calor espiritual para os aspectos mais frios da existência.” (de um ensaio não publicado do Dr. Remigio Cenzato, abril de 2020).

O céu também influenciou o processo de pandemia, como já previsto por Rudolf Steiner: Marte, Júpiter e Saturno e a Lua se alinharam e se uniram parcialmente, influenciando o efeito solar.

Portanto, podemos levantar algumas hipóteses de causas:

- 1-grupos de seres humanos em uma espécie de impasse diante de dificuldades excessivas;
- 2 - um olhar do homem excessivamente voltado para a Terra e muito materialista;
- 3 - A configuração do céu em condição predisponente à inibição de forças solares.

Desistir do egoísmo?

Além disso, diz o dr. Cenzato:

“Nossa sociedade globalizada de hoje tende, provavelmente, a direcionar sua existência de maneira excessivamente inclinada ao individualismo; o egoísmo decorrente tem origem numa lei do mundo animal, onde a sobrevivência e a posse significam oprimir o outro e acumular para si mesmo. Por esse motivo, o âmbito humano se mostra, às vezes, menos equilibrado que o reino animal; na natureza, às vezes há mais sintonia e harmonia. O homem pode dominar seu próximo não para sobreviver, mas para ter o que, muitas vezes, é supérfluo para ele, algo do qual ele não precisa para permanecer vivo, mas para satisfazer primariamente seu egoísmo; basta pensar na atual distribuição de riqueza. No reino animal, há muito mais respeito e distribuição de recursos coletivos. Isso certamente não se aplica de forma geral mas, nas últimas décadas, o ponto de equilíbrio certamente se moveu na direção mencionada.

O eu, com seu calor e luz, parece ter se voltado mais para o calor animal, inserindo-se em leis individualistas. Paradoxalmente, podemos pensar que seja o próprio ser humano quem carrega seu “genoma”, seus códigos de conduta, para uma forma de ação que não deveria estar relacionada a ele. Deste nível, o ser humano recolheu aquilo que não adoce os animais, mas vive em equilíbrio simbiótico. Em algumas citações, outros autores afirmam que, se o ser humano se volta indevidamente para o nível animal, assumindo alguns aspectos deste como modelo, ele pode chegar a demonstrar ser muito inferior ao próprio animal, com a diferença que, em comparação com este último, ele pode manifestar seus anseios de uma maneira aparentemente muito mais “elegante.” Podemos então levantar a hipótese de que não é apenas o vírus que fez um salto nas espécies, mas também o ser humano que se predispôs a abrigá-lo em si, através de seu direcionamento a formas de vida que não lhe pertencem. Nesse sentido, o vírus teria sido provavelmente inativo em seu reservatório simbiótico.”

Medo é a falta de espírito

Com o medo diurno, acolhemos facilmente em nós a natureza bacteriana ou a subnatureza viral. *“Medo é falta de espírito”*, diz Paracelso. Se o eu for incapaz de gerar a imagem interior através de sua atitude criativa, sobre a qual ele se enfrenta no sentido do conhecimento, ele estaria diante da condição de experimentar perda, desorientação e medo. O surgimento do medo é o sinal inequívoco da incapacidade do eu de gerar em si uma imagem espiritual do mundo. Como vimos em conexão com a conferência sobre o sangue de Rudolf Steiner em Berlim, também encontramos nessas considerações o tema do eu em seu aspecto voltado para o organismo interno, o sangue. É possível que o medo de uma pessoa possa ser curado pela experiência de cura do outro?

Se o eu congela, se paralisa, ele não é mais capaz de iluminar suas metas, de aquecer-se com seus intenções; isso o rebaixa à inexorabilidade do mundo material, abrindo-o ao poder das forças arimânicas que vem de fora.

Fechamento

Seria possível que a luz e o calor das Forças Crísticas (descidas à Terra que se solarizou) possam entrar diretamente em um organismo contraído e doente e levá-lo à cura através do eu do outro?

Eu quero ter a esperança que seja assim.

Quero pensar que a medicina antroposófica possa fortalecer o ser humano, que a psicoterapia antroposófica possa apoiá-lo para que ele encontre a si mesmo e que, no caso de doença, o eu do outro indivíduo, com seu sangue, possa transmitir a coragem e a mensagem de cura.

“... porque onde há dois ou três reunidos em meu nome, eu estou entre eles.”

(Mateus 18, 20)

A lavagem dos pés
Christian Morgenstern:

*Eu dou graças a ti, pedra silenciosa
e me inclino diante de ti:
a ti eu devo minha essência vegetal.
Eu dou graças a vós, terra e plantas,
e me inclino diante de vós:
vós me ajudastes a edificar-me em meu ser animal.
Eu dou graças a vós, pedra, grama e animal,
e me inclino diante de vós:
vós todos me ajudaram a me tornar eu mesmo.
Nós te agradecemos, ó filho do homem
e devotamente nos inclinamos diante de ti:
porque pelo fato de você existir, nós existimos.
Uma graça vem da unidade de toda a divindade
e também da multiplicidade da divindade
no agradecer se entrelaça todo o ser.*

Dr Giovanna Bettini, Psicoterapeuta, Bologna Itália Junho 2020

Tradução livre: Patrícia Botelho

Mariangela Motta